

"ARRAIA MEUDA",
PROTAGONISTA DE FERNÃO LOPES

Prof. JOÃO TORTELLO

(Prof. de Filologia Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba; Prof. de Português do Colégio Estadual e Escola Normal de Sorocaba).

"Nos degraus do trono de D. João I estão sentados guerreiros, sabedores, e monges, e clérigos, e POVO que tumultua e brada com voz de gigante: — PÁTRIA!"
Hercul. — Panorama — VI.III-1839.

"É um mar embravecido, a alma popular, sob o tufão do sentimento da independência".
Hern. Cidade — Lições... 1.º Vol.

"Entusiástico, ignorante, visionário, supersticioso, cruel, atroz nos seus momentâneos acessos de braveza, generoso no seu patriotismo, o povo vem a ser o verdadeiro protagonista da sua obra".

Aubrey Bell.

FERNÃO LOPES, é um autor que merece bem o estudo profundo de algum crítico porque vale pelo século em que viveu. Figura representativa do seu tempo, tem entretanto sua gloria datada talvez do fim do século passado e comêço dêste — e isso graças a esforços louváveis de bons protuguêses ou de lusófilos ilustres que se interessaram pela nacionalidade da pátria de Camões.

Falou-se então bastante do agradável cronista, compreendeu-se-lhe a obra, interpretou-se-lhe o espírito. Apareceram antologias para eruditos — como a de Braamcamp Freire — e para o povo — dirigida por Agostinho de Campos.

Mas, digamos com mais acêrto: o que se comentou, o que se

procurou difundir, o que se consagrou — e isto é merito imenso — foi o trabalho do cronista, foi o grande edificio que êle construiu. E se agora, levados por uma curiosidade saudosista, quiséssemos saber dos pormenores de sua vida, nada ou muito pouco poderíamos conseguir. Onde teria nascido? Quando? De quem? São perguntas que se nos apresentam e cujas respostas apenas vislumbramos, indecisas, como a silhueta de uma arvore no horizonte nebuloso.

Teria aparecido lá pelos fins do século XIV. Só assim poderia estar “velho e fraco” em 1454, quando foi substituído no cargo por Azurara. Parece ter sido filho de gente humilde. Pedro de Azevedo publicou na Revista de História, volume V, um documento segundo o qual teria Fernão Lopes obtido favores régios a um sapaiteiro, Diogo Afonso, parente de sua mulher.

A primeira data positiva que temos de sua vida é 1418 — quando D. João I o nomeou Guarda das Escrituras da Tôrre do Tombo, arquivista, como diríamos hoje. Quatro anos mais tarde tornou-se Escrivão da Puridade do Infante D. Fernando. A data mais significativa é 1434 — quando foi encarregado de “poer em caronyca as estórias dos reis, que antygamente em Portugal foram”. O testamento de D. Fernando é de 1437 — um dos raros autógrafos do historiador. Em 1454 é substituído por Gomes Eanes de Azurara ou Zurara; e a última notícia que temos dêle é de 1459 — data em tamento de D. Fernando é de 1437 — um dos raros autógrafos do “físico Martinho”. É de se supor que já tivesse então mais de 70 anos.

Mas deixemos as datas e passemos a considerar o autor.

Fernão Lopes foi cognominado — e nisto lhe vai grande e sincero elogio — o Heródoto Português. E se compulsarmos tôda a sua cátedra histórica, se examinarmos pedra por pedra seu grande monumento literário, ficaremos admirados com a técnica irreprensível que êle soube empregar e com o caráter profundamente humano de suas crônicas.

Quanta diferença vai entre um cronicão pesado e insípido e os deliciosos capítulos cheios de vida, cheios de atualidade de D. João ou de D. Fernando! Nós sentimos o que êle escreve, vemos seus personagens, acompanhamos-lhes os movimentos como se fôsem reais, tal é o poder de atração que o cronista consegue pôr nos seus escritos.

“Ora, esguardai como se fosseis presentes uma tal cidade assim desconfortada...”

E tanta propriedade oferece na narrativa, tanta vida põe naquelas linhas, usa de tão admirável taumaturgia interpretativa que “vemos” como se “fôssemos presentes”. E’ pequeno o esforço que o leitor faz para vazar no seu mundo interior o mundo interior do artista. As idéias são naturais, são humaníssimas, são as idéias que teríamos nós próprios, o que vale dizer que vêm sem rebrucos atrancadores, escritas para a inteligência do público ledor.

Parece que não agiu com razão o Sr. José Caldas quando escreveu (Historia de um fogo morto — Porto, 1904):

“O povo, que sofre, ainda não teve historiador”. ... Esse mesmo povo fica... sem nome, sem referência, sem voz”.

Como poderia ser assim, se em quase tôdas as páginas de Fernão Lopes sentimos o elemento popular agitar-se e viver, reclamando seus direitos, praticando vingança, movendo-se por tôda parte, com advertências ao próprio rei?

Talvez pudéssemos ver nesta atitude um reflexo do valor consciente da massa anônima, que se batia contra o castelhano sempre mal visto. A época é de grandes agitações políticas, movimentos que uniam a mentalidade popular, mantendo-a coesa, e pronta para defender as pretensões de Castela. E é a figura das ruas que toma a parte mais saliente neste particular, organizando escaramuças, rugindo pelas praças, arrombando as portas das próprias igrejas, quando percebe que atrás delas está um elemento simpático ao adversário.

Diz Aubrey Bell que Fernão Lopes “escreveu para o povo e devia ter centenas de milhar de leitores”. Ao apresentar as personagens e os fatos de sua obra parece que tinha a mente voltada para a grande massa da qual êle mesmo saíra.

“Se algum dia tivermos em Portugal uma escola primária digna dêste nome”, afirma Agostinho de Campos, “aí se lerão extratos de Fernão Lopes”. Não chegaremos a tanto, mas concordamos que, modernizado na grafia, modificado em algumas palavras obsoletas, o autor da Crônica de D. Pedro interessa ainda vivamente qualquer pessoa de cultura medíocre. E isto porque aquilo que Fernão Lopes concedeu e conseguiu expressar é humano, vivo, atual.

O crítico inglês a que acima nos referimos, examinando na Biblioteca Nacional de Madrid o manuscrito da Crônica de D. João, primeira parte, notou que as iluminuras apresentavam reis coroados ao lado de tipos campestinos, lavradores, fiandeiras, pastôres. O autor dêsses desenhos, interpreta êle, teria compreendido muito bem o caráter popular do conteúdo.

Vejamos agora o que nos diz o próprio autor sôbre o destino de seu trabalho.

“... o nosso desejo foi em esta obra escrever verdade sem outra mistura, deixando nos bons aquecimentos todo fingido louvor; e nuamente MOSTRAR AO POVO quaisquer contrarias coisas da guisa que avieram”. (Prólogo da Crônica del Rei D. João da Boa Memória).

Na crônica, um êmulo de Fernão Lopes é Froissart. Mas, enquanto o primeiro dedica uma atenção especialíssima ao “poboo meudo”, o cronista francês é um escritor de côrte, emaranha-se nas intrigas e nos escândalos dos castelos de Flandres e França, menosprezando altivamente a plebe sufocada.

Ayala é frio e impassível, uma pena que vai registrando com precisão os acontecimentos das altas rodas, sem procurar efeitos dramáticos alguns.

Notaríamos até uma diversidade de atitude de espírito no que diz respeito ao lugar dado ao “comum poboo”, entre Camões e Fernão Lopes, exatamente porque o primeiro se propôs cantar “as armas e os barões assinalados” e o cronista procurou tornar o povo protagonista de sua obra, “fazendo-o falar, e pulsar, e rugir a par dos grandes, senão acima dêles”.

Ao examinarmos as crônicas de D. Pedro, D. Fernando ou D. João, o que certamente logo percebemos é a deferência notória que o autor concede à massa anônima. Ora é um grande dizendo que

“... cumpria ter alguma ajuda do povo ...”;

“... desta guisa, se juntaria toda a cidade em sua ajuda”.

Ora é o próprio autor que prestigia a opinião popular:

“Soaram vozes de arruido pela cidade”.

Freqüentemente aparecem respigadas aqui e ali referências a um indivíduo “dos pequenos” que, emergindo da massa amotinada, orienta a opinião geral com breves palavras:

“Gonçalo, ovelheiro de Beja...”

“Martim Afonso Valente, um dos honrados da cidade ...”

“Gonçalo Eanes, cabreiro ...”

“Vicente Anes, alfaiate ...”

E outros, e outros, chamados pelo nome ou anônimos.

A franca pendência de Fernão Lopes para a “arraia meuda” e talvez a documentação do interesse do historiador pela causa do povo, vemo-la nesta passagem da Crônica de D. João, em que se põem em campos opostos a classe dos grandes e a dos pequenos:

“Desta guisa que haveis ouvido se levantaram os povos em outros lugares, sendo grande cisma e divisão entre os grandes e os pequenos. O qual ajuntamento dos pequenos povos, que se então assim juntavam, chamavam naquele tempo arraia-meuda”.

E agora aparece o grande elogio ao “poboo meudo”, maltrapilho e faminto mas a quem não desfalece a coragem e a fôrça:

“Era maravilha de ver que, tanto esforço dava Deus neles (arraia meuda) e tanta covardice nos outros (os grandes) que os castelos que os antigos reis, por longos tempos jazendo sôbre êles com fôrça de armas, não podiam tomar, os povos meudos mal armados e sem capitão, com os ventres ao sol, antes de meio dia os filhavam por fôrça”.

E tal era a impetuosidade da multidão, tanto valor mostravam os populares que os inimigos,

“receando-se de cair na destemperada sanha daquele povo, acordaram de lhe dar o castelo antes que se mais fizesse”.

Até agora nos limitamos a apresentar o conceito em que Fernão Lopes tinha as classes inferiores, o carinho com que as rodeava sempre que pudesse, como a um leitor predileto. Passemos a ver a mestria do autor em movimentar o povo, em agitá-lo pelas ruas da velha Lisboa. Observemos como êle pinta as massas populares revoltadas, nas suas mais diversas atitudes ora perdidas num entusiasmo delirante e contagioso; ora embravecidas e sedentas de vingança; patrióticas, emocionantemente patrióticas numa página e mais adiante sofrendo resignadamente o cêrco da cidade. Leiamos estas poucas palavras:

“Soaram vozes de arruido pela cidade”.

Numa só pincelada, magistral, perfeita, êle nos mostra a coesão da alma popular que vibra uníssonamente, que recebe as impressões do meio como um nervo único, tal uma descarga subitânea que chocasse uma seqüência de organismos.

E ainda:

“... a volta da gente, que começava já de ferver pela rua ...”

Aquilate-se o valor daquele infinito e convenha-se que o autor era de uma intuição admirável e sabia dar forma à visão do seu temperamento. Fernão Lopes tinha profunda capacidade de intuir. Êle via o povo, sentia-lhe os anseios, palpitava com êle, integrava-se nas suas aspirações, vivia também o grande drama das “pobres gentes”. Ainda hoje, ao lermos as crônicas deixadas, descobrimos a multidão bem viva naquelas páginas, lutando “forte e rijo” contra o inimigo pretencioso.

“Se os meudos corriam após eles, e buscavam-nos e prendiam-nos tão de vontade, que parecia que lidavam pela fé ...”

Não faltava até quem se valesse do movimento para saldar velhas dívidas com algum desafeto:

“Semelhavelmente foi lançado a fundo aquel prior de Guimarães, seu convidado, porque um escudeiro que lhe mal queria subindo acima com os do Conselho, viu tempo azado para o matar”.

Analisemos a MULTIDÃO que Fernão Lopes nos apresenta à porta dos paços, logo após ao assassinio do Conde João Fernandes. Espalhará-se, entretanto, pela cidade, a notícia da morte do Mestre de Avis. E isto se enraizou tão fundo na mentalidade da massa que, quando se lhe quis descobrir a realidade, não havia quem nela acreditasse:

“De cima, não minguava quem bradar que o Mestre era vivo e o conde João Fernandes morto; MAS ISTO NÃO QUERIA NENHUM CRER, dizendo: — Pois, se vivo é, mostrai-no-lo, e vê-lo-emos”.

Mostraram. O mestre apareceu-lhes em carne e osso. Mas,

“Tanta era a torvação deles, e assim tinham já em crença que o mestre era morto, que tais havia aí que aporfiavam que não era aquele”.

Já ninguém mais via o que a retina estampava senão a idéia profundamente vinculada que a turba concebera. Evaporou-se a personalidade consciente para dar lugar a um todo único sufocador das emanações individuais.

Uma análise interpretativa do que se denomina "multidão" foi feita há poucas dezenas de anos por Gustave Le Bon (*Psychologie des Foules*). Interessante seria observar as conclusões a que chegou o grande psicólogo social e ao mesmo tempo documentá-las com as observações feitas, havia quase meio milênio, por Fernão Lopes. Façamos, pois, o cientista falar e peçamos a corroboração do artista.

"PEU aptes au raisonnement, les foules se montrent au contraire très aptes à l'action". — Op. cit. 20me éd. Paris, 1915.

"Os outros que aí estavam, assim homens e mulheres, quando isto viram (o conde João Fernandes morto), cuidando aquela hora todos ser mortos, não ousavam sair pelas portas, mas fugiam pelas janelas e deles pelos telhados, outros por degraus não contados, e assim cada um por onde melhor podia".

Ou ainda:

"E não somente era isto à porta dos paços, mas ainda ao redor deles, por onde homens e mulheres podiam estar. Umas vinham com feixes de lenha, outras traziam carqueja para acender o fogo, cuidando queimar o muro dos paços com ela, dizendo muitos doestos à Rainha".

"Elle (la foule) forme un seul être et se trouve soumise à la "loi de l'unités mentale des foules".

"As gentes que isto ouviam, saiam à rua, ver que coisa era; e começando de falar uns com os outros, **ALVOROÇARAM-SE NAS VONTADES** e começaram de tomar armas cada um como melhor e mais asinha podia".

"E ficou logo alí gram parte do povo aceso com brava sanha, para haver a-pressa entrada à Sé a filharem logo do Bispo vingança".

E mais adiante:

"Alí o desnucaram (o bispo) de toda vestidura, dando-lhe pedradas, com muitos e feios doestos, até que se enfadaram dele os homens e os cachopos".

"... La foule, étant anonyme, et par conséquent irresponsable, le sentiment de la responsabilité, que retient toujours les individus, disparaît entièrement".

Assim se explica a atitude do povo para entrar no castelo, ao boato de que o Mestre tinha sido morto:

"Deles bradavam por lenha, e que viesse lume, para **POREM FOGO AOS PAÇOS E QUEIMAREM "O TRAIADOR E A ALEIVOSA"**; outros se aficavam pedindo escadas para subir acima, para verem que era do Mestre".

Fala-nos ainda Le Bon da "puissance des foules".

Isto vemos freqüentemente em Fernão Lopes. Ora é um indi-

vídúo praticando atos que êle mesmo desaprova, justamente porque sabe que, se não o fizesse...

Depois de matarem o Bispo, arrastaram-no pela cidade, "com as vergonhosas partes descobertas".

"E posto que a algumas pessoas tais coisas parecessem mal e deshonestamente feitas, NENHUM ERA OUSADO DIZER O CONTRÁRIO".

Com a abadessa de Évora se dá o mesmo:

"E deixando ali aquele deshonrado corpo, alguns que disto houveram sentido o tomaram de noite e soterraram na Sé, ESCONDIDAMENTE, que doutra guisa não eram ousados de o fazer".

Às vezes a ousadia do povo chegava a ameaçar o próprio rei:

"Partiram-se então todos, contentes da resposta (de D. Fernando e de D. Leonor Teles), jurando e dizendo que, se a El-rei partir não quisesse, que êles lha TOMARIAM POR FÓRÇA, e fariam de guisa que nunca a El-rei mais visse; e que, se muitos vieram, então, que muitos mais viriam em outro dia, armados".

D. Fernando considerou a situação.

"... E, vendo como todos estavam alvoroçados, e as razões que geralmente diziam, a contradizer aquele casamento, não quis lá ir, e partiu-se da cidade com D. Leonor, O MAIS ESCUSAMENTE QUE PÔDE".

O que vale dizer que êle baqueou ante o prestígio da plebe que se movimentava.

"Chez une foule", continua o cientista francês, "tout sentiment, tout acte est contagieux..." E asseverava mais adiante que a multidão possui a "tendance à transformer immédiatement en actes les idées suggérées..." E se êstes atos nos parecem às vezes patrióticos, não passam de "héroismes évidemment un peu inconscients".

Ora, tudo quanto do povo nos diz aqui Le Bon, sentimento contagioso, decisão rápida, heroísmo inconsciente, tudo isto podemos apreciar neste fragmento da Crônica de D. João:

"Então aqueles que chamavam arraia meuda disseram a um, por nome chamado Alvaro da Veiga, que LEVASSE A BANDEIRA PELA VILA, em voz e nome do Mestre de Avis; e ele recusou de a levar, mostrando que o não devia de fazer, o qual LOGO FOI CHAMADO TRAIADOR, que era da parte da rainha, DANDO-LHE TANTAS CUTILADAS, e assim de vontade, que era sobeja coisa de ver".

"Um commencement d'antipathie ou de desapprobation, qui, chez l'individu isolé, resterait peu accentué, devient aussi-tôt une haine feroce chez l'individu em foule".

"Isolé, c'était peut-être un INDIVIDU CULTIVÉ, em foule c'est un instinctif, par conséquent, un BARBARE".

Em F. Lopes, quem toma uma decisão orientadora é geralmente um homem da gentalha. E' êle quem se lembra de dirigir o povo para extremos cruéis, por vêzes. Entretanto, êsse mesmo agitador

“sanhudo” de agora é um cidadão acatado, que tem o seu ofício (cabreiro, ovelheiro, alfaiate...).

“Silvestre Esteves, homem HONRADO ...”

“Martim Afonso Valente, um dos HONRADOS DA cidade”.

Isso diz muito da gente visão intuitiva do cronista.

Documentemos agora a HAINÉ FEROCÉ de que nos fala o autor de “Psychologie des Foules”, ou a CEGA SANHA como nos disse o delicioso historiador.

Logo após ao assassinio do conde de Andeiro, em regozijo recpircaram os sinos de Lisboa, com exceção dos da Igreja onde estava o bispo, alheio talvez ao fervor político. Foi o começo da antipatia. O povo não quis mais explicações. Dirigiram-se para a igreja. Estava trancada a porta? Canalha de bispo! Não havia dúvida de que êle era “da parte da Rainha”... Em três tempos se arrombou a porta. O prelado estava lá na tórre, com seu convidado, o prior de Guimarães... Alguns subiram até lá, resolutos. O pobre do bispo, gastou muito latim para patentear a inocência: em vão. E o povo? Ah! O povo já se impacientava com a demora. Por que não teriam os emissários cumprido logo a missão? Seriam também da Rainha? E por pouco os emissários não “andaram à espada” também ...

Eis o texto:

“A cega sanha que em tais feitos nenhuma coisa esguarda, começou tanto de arder nos entendimentos do povo que à porta principal da igreja estava, que começaram de bradar, altas vozes, aos de cima, “que estavam fazendo que não deitavam o Bispo a fundo?”, dizendo: Guardai-vos, não vamos nós lá; que, se nós lá imos, todos vós haveis de vir a fundo com ele”.

O povo era terrível nos seus acessos. Mas outro exemplo? A abadessa de S. Bento, em Évora. Sem saber por que, ei-la que cai na antipatia da multidão:

“Vamos matar a aleivosa da abadessa, que é parenta da Rainha, e sua criada!”

Estava decretada sua morte! Não havia mais quem a salvasse.

“Nem, isso mesmo, as doridas preces dela puderam amansar a braveza daquele sanhoso povo”.

O próprio F. Lopes, psicólogo, intuitivo, artista, nas conta que “não guardavam dívido nem amizade a nenhum que sua tenção não tivesse; mas, quantos eram da parte da Rainha, todos andavam à espada ...”

E se, no meio da turba em alvorôço,

“um falava dizendo: — e Fuão deles é, — não havia coisa que lhe desse vida, nem justiça que o livrasse de suas mãos”.

Uma palavra do indicador e o denunciado estava morto: a “stulta plebs” desconhecia razões.

Já é hora, porém, de vermos o reverso da moeda, isto é, de observarmos o povo heróico e destemido, abnegado e sublime do cêrco de

Lisboa. E aqui se percebe que o autor pôs toda sua alma nas descrições, como se fôsse também uma das vítimas:

“estes tam forçosos cuidados fez logo levantar todos, assim homens como mulheres, que não puderam mais dormir. E falando das janelas uns aos outros, assim em estas coisas como na peleja do seguinte dia, começou de se gerar por toda a cidade um grande rumor e alvoroço de fala”.

Note-se a devoção do povo:

“Em esto começaram as gentes de se ir às igrejas e moesteiros, com candeias acessas nas mãos, fazendo dizer missas e outras devoções, com grandes preces e muitas lagrimas”.

Mas onde F. Lopes se mostrou profundamente humano, integrado no sentimento dos sitiados, foi na descrição da fome. Revela-se aí um poeta incomparável:

“Na cidade nom havia trigo para vender; e se o havia era mui pouco, e tão caro, que as **POBRES GENTES** não podiam chegar à ele”.

Pobres gentes! Pobres gentes aquelas que

“por mingua de dinheiro, não comiam carne e padeciam mal”.

E as crianças?

“Andavam os moços de 3 e de 4 anos pedindo pão pela cidade, por amor de Deus, **COMO LHES ENSINAVAM SUAS MADRES**. E muitos não tinham outra coisa que lhes dar senom lagrimas que com eles choravam, que era triste coisa de ver”.

Que é tudo isto senão poesia sentida, poesia humana e sublime que alcança o coração da gente?

Quadro de elevada expressão artística é êsse em que F. Lopes condensa tôda a grandiosidade da alma de seu povo ante os sofrimentos angustiosos:

“... e, ficados os gíolhos, beijando a terra, bradavam a Deus que lhes acorresse...”

Mas, — e é o próprio autor quem nos insinua —

“Para que é dizer mais de tais falecimentos?”

Nem todos êsses horrores, porém, conseguíam diminuir-lhes o arrôjo ou enfraquecer-lhes o ânimo. Mantinham-se aguerridos e heróicos, agora de um patriotismo ardente e sincero.

“Pero, com todo esto, quando repicavam, nenhum nom mostrava que era faminto, mas **FORTE E RIJO CONTRA SEUS INIMIGOS**. Esforçavam-se uns por consolar os outros e dar remédio a seu grande nojo”.

E todos lutavam, homens e mulheres. Estas, por troça, por débique, atiravam pedras aos inimigos, enchendo-os de alusões má-lévolas. Tal qual briguinta de comadres...

“E as moças, sem nenhum medo, apanhando pedra pelas herdades, cantavam altas vozes, dizendo:

“Esta é Lisboa prezada:
Mirá-la e leixá-la...
Se quiserdes carneiro,
Qual derom ao Andeiro;
Se quiserdes cabrito,
Qual derom ao Bispo”.

Terminamos aqui estas breves anotações sobre Fernão Lopes. Ligeiras palavras sôbre sua vida, primeiramente porque fugiríamos do tema se nos alongássemos em dados biográficos e depois mesmo pela escassez dêsses dados. Em seguida, procuramos mostrar o caráter decididamente popular de sua obra. Não pretendendo absolutamente introduzir originalidade, quisemos apenas apreciar esta facêta do seu gênio, saboreando-a mais com a ingenuidade de um leitor do que com a frieza de um crítico.

Assim, procuramos segui-lo curiosamente através de sua multidão buliçosa e irrefletida nos motins políticos, mas grande e abnegada na defesa do interesse pátrio. Se nos perdoassem a expressão e não nos taxassem de exagerados, diríamos que bravejamos juntamente com o “comum poboo”, choramos também com êle nos dias desesperados do cêrco.

Cremos até que foi justamente isso que F. Lopes fêz...

Após uma retrospectiva sinótica do quanto se escreveu, poderíamos exprimir as idéias à procura de alguma conclusão. E começaríamos dizendo que:

FERNÃO LOPES é um grande democrata das letras, tendo-se preocupado quase que exclusivamente com o seu povo.

A causa dessa atitude de espírito do escritor, podíamos encontrá-la não só na sua origem vilã, mas principalmente na ambiência da época, no novo rumo do pensamento popular que começava a ter consciência do seu valor.

Finalmente, salientaremos mais uma vez a profundidade de intuição de Fernão Lopes, que nos apresentou a multidão com todos os matizes, com tôdas as características reunidas no século passado por Le Bon, não se esquecendo de lhe atribuir, em dias de despêro, grandeza incomparável e incomparável sublimidade.

B I B L I O G R A F I A

1. — Mendes dos Remédios, História da Literatura Portuguesa, 3.º ed., Coimbra, 1908.
2. — Agostinho de Campos, Antologia Portuguesa, 3 vol., 2.º ed., 1922.
3. — Gustave Le Bon, Psychologie des Foules, 20.º ed., Paris, 1915.
4. — Hernani Cidade, Lições sobre a cultura e a literatura portuguesas, 1.º vol., Coimbra ed., 1933.
5. — M. Rodrigues Lapa, Lições de Literatura Portuguesa, Época Medieval, Lisboa, 1934.
6. — Albino Forjaz Sampaio, História da Literatura Portuguesa Ilustrada, vol. I.
7. — Enciclopédias e Dicionários.